



ENTRE CAMPOS & FLORESTAS

o Cerrado e os saberes locais nos assentamentos
rurais em Goianésia, Goiás



Joelma Abadia Marciano de Paula
Josana de Castro Peixoto
(Organizadoras)



CONDEFÉ

COLEÇÃO

Coleção - Condefé no Cerrado

Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Recursos Naturais do Cerrado
(PPG RENAC/UEG)

Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Territórios e Expressões
Culturais no Cerrado (PPG TECCER/UEG)

ORGANIZADORAS

Joelma Abadia Marciano de Paula
Josana de Castro Peixoto

AUTORES

Ailyn de Oliveira Vilela
André José de Campos
Anielly Monteiro de Melo
Aryane Ribeiro Oliveira
Charles Lima Ribeiro
Cristiane Maria Ascari Morgado
Danielle Gonçalves Teixeira dos Santos
Eliete Souza Santana
Fernando Gomes Barbosa
Joelma Abadia Marciano de Paula
Josana de Castro Peixoto
Leonardo Gomes Costa
Leonardo Luiz Borges
Manoel Henrique Reis de Oliveira
Márcio Júnior Pereira
Marco Aurélio Batista
Monatha Nayara Guimarães Teófilo

**ENTRE
CAMPOS &
FLORESTAS**

o Cerrado e os saberes locais
nos assentamentos
rurais em Goianésia, Goiás



EDITORA

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS

Presidente

Antonio Cruvinel Borges Neto (Reitor)

Vice-Presidente

Claudio Roberto Stacheira (Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação)

Coordenadora-geral

Elisabete Tomomi Kowata

Assessor

Patrick Di Almeida Vieira Zechin

Analista de Gestão Governamental – Biblioteconomia

Andressa de Oliveira Sussai

Revisão Técnica

Elisabete Tomomi Kowata

Revisão Linguística

Edilson Pimenta Ferreira

Laryssa Paulino de Queiroz Sousa

Projeto Gráfico e Ilustrações

Ana Clara Diniz

Fotos

Arquivos do projeto *Condefé tem cagaita e gabiropa no Cerrado*

Conselho Editorial

Adolfo José de Souza André (UEG-IAEL)

Daniel Blamires (UEG-IACSB)

Juliano Rodrigues da Silva (UEG-IACT)

Maísa Borges Costa (UEG-IACT)

Raphaela Christina Costa Gomes (UEG-IACAS)

Renata Carvalho dos Santos (UEG-IACSB)

Roseli Vieira Pires (UEG-IACSA)

Sebastião Avelino Neto (UEG-IACAS)

Sônia Bessa da Costa Nicacio Silva (UEG-IAEL)

Thiago Henrique Costa Silva (UEG-IACSA)

Coleção - Condefé no Cerrado

Joelma Abadia Marciano de Paula
Josana de Castro Peixoto
(Organizadoras)

ENTRE CAMPOS & FLORESTAS

o Cerrado e os saberes locais
nos assentamentos
rurais em Goianésia, Goiás



Anápolis-GO | 2026

© 2026, Editora UEG

A reprodução não autorizada desta publicação, por qualquer meio, seja total ou parcial, constitui violação da Lei no 9.610/98.

Exemplar para distribuição.
Venda proibida.

Catálogo na Fonte
Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Universidade Estadual de Goiás, Anápolis, GO, Brasil)

E61 Entre campos e florestas: o cerrado e os saberes locais nos assentamentos rurais em Goianésia, Goiás / Organização: Joelma Abadia Marciano de Paula e Josana de Castro Peixoto. – 1. ed. - Anápolis, GO: Editora UEG, 2026. (Condefé no Cerrado)
68 p. : il.

ISBN: 978-65-83606-36-5 (e-book)

ISBN: 978-65-83606-38-9 (físico)

1. Cagaíta – manejo sustentável. 2. Guariroba – manejo sustentável. 3. Frutíferas nativa – Cerrado. 4. Assentamentos rurais. 5. Conservação da biodiversidade – Cerrado. 6. Sociobiodiversidade. I. Paula, Joelma Abadia Marciano. II. Peixoto, Josana de Castro. III. Título.

CDU - 630*28:581.9(81)

Andressa de Oliveira Sussai, CRB-1 / 3032

Esta obra é em formato de e-book e impresso e foi financiada com recursos da Fundação Grupo Boticário de Proteção à Natureza e da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Goiás por meio da Chamada Pública 02/2023 - Produtos e Serviços da Natureza: Soluções para Fortalecer as Cadeias da Sociobiodiversidade - Processo SEI n. 202310267001287 e com apoio da Universidade Estadual de Goiás. A exatidão das referências, a revisão gramatical e as ideias expressas e/ou defendidas nos textos são de inteira responsabilidade dos autores.



EDITORA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS
BR-153 – Quadra Área – CEP: 75.132-903
Fone: (62) 3328-4866 – Anápolis-GO
www.ueg.br/editora | e-mail: editora@ueg.br

"Quando chegamos aqui, no dia 24 de setembro de 2006, agora vai fazer dezenove anos, eu cheguei num caminhão de mudança de um amigo nosso, que trouxe três famílias junto com as coisas dessas famílias."

D.B. (2025)

Às guardiãs e aos guardiões do Cerrado.

Às famílias dos assentamentos *Presente de Deus e Itajá*, que abriram não apenas as portas de suas casas, mas as portas de seus corações para acolher o projeto *Condefé tem cagaita e gabirola no Cerrado*. Este livro não é nosso. É fruto da generosidade de vocês, da força que transforma a terra em lar, da sabedoria que brota do cuidado com o Cerrado. Cada palavra aqui registrada foi semeada pelo conhecimento que compartilharam, pela resistência que inspiram e pela esperança que cultivamos juntos.

Que estas páginas possam celebrar:

A sombra acolhedora das Cagaiteiras, onde compartilhamos histórias;

As mãos que conhecem o ritmo da terra e o tempo da colheita;

Os saberes que atravessam gerações;

A coragem que floresce mesmo nos dias mais difíceis.

Cada cagaita mapeada, cada gabirola sendo procurada, cada conversa à beira de cada gleba de terra visitada, tudo se transformou em semente para esta pesquisa. Assim como o Cerrado que vocês protegem, este livro é resistente, diverso e cheio de vida.

Que possamos seguir aprendendo com vocês, guardiãs e guardiões destas terras, sobre como cultivar um futuro onde pessoas e natureza possam florescer juntas.

Com profunda gratidão e respeito,
Equipe do projeto *Condefé tem cagaita e gabirola no Cerrado*.

Sumário

PREFÁCIO.....	11
APRESENTAÇÃO.....	13
INTRODUÇÃO.....	15
CONDEFÉ NO CERRADO.....	19
Que fios tecem, afinal, a identificação com o Cerrado?.....	19
Você sabe onde está localizado o Vale do São Patrício?.....	22
Para além da divisão de lotes: o que torna um assentamento rural um território de vida, luta e futuro?.....	25
Expedições em campo: imersões que revelam os laços vivos entre práticas, saberes e o Cerrado.....	28
(Des) conhecer o Cerrado para valorizar...Reaprender a ler a paisagem para nela se pertencer.....	35
A escuta que constrói saberes: a construção coletiva do conhecimento nas rodas de conversa nos assentamentos rurais.....	41
Do fruto ao pote: oficina para aprender, fazer e se reconhecer no sabor do Cerrado.....	51
Geleia de cagaita do assentamento.....	54
REFLEXÕES FINAIS.....	57
DICAS PARA VOCÊ QUE DESEJA OBTER MAIS INFORMAÇÕES.....	58
BIBLIOGRAFIA.....	59
SOBRE AS ORGANIZADORAS.....	63
SOBRE OS AUTORES.....	64

Prefácio

Este livro trata de sementes e plantas. Mas “fala” também – por meio de vozes silenciadas no tempo – de saberes, de gente e de sonhos que descrevem a vida de seres que brotam e habitam entre os campos e as florestas do Cerrado. Mas, e se as sementes e plantas não brotassem mais? É esta a pergunta que esta obra responde: fadadas à extinção, as sementes nativas – cagaitas e gabiobas – carregam em si sementes de outras formas de pensar a natureza. Por isso, é urgente protegê-las. Preservá-las é um ato de fé no futuro, pois em seu núcleo reside não apenas o potencial de uma planta, mas a memória da terra e a promessa do amanhã, um legado cultural que transcende gerações e se encontra ameaçado pelo esquecimento.

Além das plantas, vozes e sementes, o projeto *Condefé tem cagaita e gabioba no Cerrado* é ousado e inovador. Ancorado numa concepção de ciência como rizoma (que nos convida a pensar o mundo como uma rede infinita de conexões e colaboração), o *Condefé* mobilizou atores humanos e não-humanos (ferramentas, frutos, textos), incorporados em uma teia de alianças e expectativas convergentes – atraindo outros cientistas, o governo municipal de Goianésia e as mulheres camponesas dos assentamentos *Presente de Deus e Itajá*, na região do Vale do São Patrício.

Mas não se trata, tão somente, de um procedimento novo ou método utilizáveis na pesquisa acadêmica ou nas atividades agrícolas ou agroecológicas. É muito mais denso: é exemplo de como devemos pensar e construir o próprio conhecimento que associa os domínios da natureza e da cultura, a sociobiodiversidade do Cerrado e os saberes ancestrais de comunidades que reinventam suas vidas por meio de laços emocionais com a terra.

De fato, no encontro entre as mulheres invisíveis do campo e os frutos esquecidos do Cerrado, o instinto mágico e delicado de duas mulheres cientistas alinhavou um novo campo de possibilidades, onde a cultura não é tomada como bloco estável e coerente, mas enquanto vínculos que conectam conjuntos de saberes; onde o conhecimento híbrido é ponte – e não cerca – por onde emerge uma cartografia do afeto, da semente e da resistência.

Voltemos, contudo, à questão inicial: e se as sementes não brotassem mais? A resposta para esta equação foi depositada no miolo deste livro organizado pelas professoras Joelma e Josana, trazido ao público pela Editora UEG. Como leitor atento, aprendi – ao cavucar suas entrelinhas e páginas – que as sementes nativas sempre brotam: brotam frutos, brotam flores, brotam ideias e germinam outras formas de pensar. Afinal, como anuncia o poeta, a semente que nega o broto é o tempo que para, é o mundo que desiste. É o último verso, truncado e remoto, de uma carta de amor que a própria terra escreveu e que nós, cegos, jamais lemos.

Prof. Dr. Fernando Lobo Lemes

Licenciado em História pela Pontifícia

Universidade Católica de Goiás, Brasil (PUC-GO)

Mestre em História pela Universidade Federal de Goiás (UFG), Brasil

Doutor em História pela Université Sorbonne Nouvelle - Paris 3, França

Professor Efetivo da Universidade Estadual de Goiás (UEG), Brasil

Orientador no Programa de Pós-Graduação em Territórios e

Expressões Culturais no Cerrado (TECCER) da UEG, na linha de

pesquisa Saberes, Sociedade e Natureza no Cerrado



Apresentação

Desenvolvido no ambiente colaborativo do projeto *Condefé tem cagaita e gabioba no Cerrado*, este livro se ergue sobre um diálogo permanente no qual o conhecimento acadêmico aprende com a sabedoria de quem, há gerações, convive com a riqueza e o (des) conhecido do Cerrado.

Pensar a conservação do Cerrado exige integrar saberes locais, valorizar a sociobiodiversidade e reconhecer as manifestações culturais das famílias assentadas, inclusive em regiões como o Vale do São Patrício, estado de Goiás, onde a produção agropecuária convive com a riqueza de sistemas tradicionais que são fundamentais para a conservação desse bioma-território.

Esta iniciativa se constrói como ponte entre o saber tradicional e o científico, demonstrando — na prática — como essa união pode fortalecer a agricultura familiar, gerar renda de forma sustentável e, principalmente, contribuir para a conservação do Cerrado. Essa colaboração transforma a produção de conhecimento em um exercício democrático e territorialmente enraizado.

Cada expedição de campo realizada junto ao território das famílias assentadas gerou um ciclo virtuoso. Assim, os dados coletados de forma participativa retornam às comunidades em forma de materiais acessíveis, estratégias de manejo adaptadas à realidade local e ferramentas para fortalecer sua gestão territorial.

Este livro faz parte da coleção *Condefé no Cerrado*, resultado das ações do projeto *Condefé tem cagaita e gabioba no Cerrado*, que foi executado por uma equipe de pesquisadores da Universidade Estadual de Goiás (UEG) e financiado pela Fundação Grupo Boticário e Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Goiás (FAPEG).

Em atendimento aos requisitos éticos e legais, este projeto está devidamente registrado junto ao Sistema Nacional de Gestão do Patrimônio Genético e do Conhecimento Tradicional Associado (SISGEN) sob o número A044E2B/2024 e no Sistema de Autorização e Informação em Biodiversidade (SISBIO) sob o número 94818-1/2024.

Seu conteúdo é direcionado ao público em geral, mas, especialmente, às comunidades dos assentamentos, das famílias que há tanto tempo protegem e celebram a vida no chão do Cerrado.

Convidamos você, leitor, a percorrer estas páginas com olhos de quem escuta. Aqui, os relatos das famílias assentadas e dos pesquisadores nos guiam por conhecimentos, mostrando como o Cerrado e seus frutos, como a cagaita e a gabioba, são patrimônios culturais e ambientais que sustentam modos de vida e memórias.



Introdução

O Cerrado, um dos territórios mais ricos e ameaçados do Brasil, é conhecido por sua enorme diversidade de espécies vegetais e animais, muitas das quais são endêmicas. Dentre essas espécies, destacam-se frutos nativos como a cagaita (*Eugenia dysenterica* DC.) e a gabirola [*Campomanesia adamantium* (Cambess.) O.Berg.], que possuem grande potencial alimentar, medicinal e econômico. No entanto, a falta de valorização e o avanço do desmatamento colocam em risco a conservação desses bens naturais e, também, atingem de forma direta a conservação da sociobiodiversidade em diferentes espaços geográficos.

O projeto *Condefê tem cagaita e gabirola no Cerrado* surge como uma iniciativa para promover o uso sustentável desses frutos, aliando conhecimento científico e saberes tradicionais. Este projeto concentra suas ações na região do Vale do São Patrício, em Goiás, e ao envolver as famílias dos assentamentos rurais, busca fortalecer a agricultura familiar, gerar renda e contribuir para a conservação do Cerrado.

Para as famílias assentadas, o Cerrado não é apenas um território físico, mas uma extensão viva de suas memórias e identidades. Seguindo a concepção de Yi-Fu Tuan (1980) sobre topofilia — o amor intrínseco ao lugar — essas comunidades desenvolveram um vínculo afetivo profundo com a paisagem do Cerrado, transformando espaços naturais em lugares cheios de significado. Cada pé de cagaita, cada vereda, cada trilha percorrida não são meros elementos geográficos, mas depositários de histórias de luta, resistência e conquista. O Cerrado se torna, assim, uma paisagem moral que testemunha e valida sua existência, um verdadeiro lar onde criaram raízes tanto afetivas quanto culturais.

Esse sentimento de topofilia manifesta-se na forma como as famílias assentadas se compreendem como parte integrante do Cerrado, não meros ocupantes temporários. O bioma deixa de ser um "espaço" abstrato para se tornar um "lugar" carregado de afeto, onde cada árvore, cada fruto nativo, cada nascente representa um capítulo de suas biografias coletivas. Por meio do convívio diário e do trabalho na terra, elas constroem uma relação de mutualidade com o ambiente: ao mesmo tempo que moldam a paisagem com seus roçados e quintais, são por ela moldadas em seus costumes, saberes e tradições. Essa simbiose entre comunidade e território constitui a essência do pertencimento topofílico — um amor ao lugar que se manifesta no cuidado ativo e na conservação responsável do Cerrado.

As famílias assentadas são as verdadeiras guardiãs da conservação do Cerrado, portadoras de um saber ancestral que transforma seu cotidiano em um ato contínuo de proteção da biodiversidade. Sua relação íntima com a terra vai além do cultivo: é uma convivência profundamente enraizada, que lhes permite conhecer os ritmos das estações, a utilidade de cada planta e o comportamento da fauna local. Ao manejarem espécies como a cagaita e a gabioba, elas não apenas garantem o sustento de suas famílias, mas também preservam o patrimônio genético e cultural do bioma, mantendo vivas as tradições e os usos desses frutos nativos. Essas comunidades representam, assim, a frente de conservação mais genuína e duradoura, atuando como barreiras vivas contra a degradação e o desconhecimento que ameaçam o Cerrado.

Essa guarda ativa se manifesta na forma como integram a conservação à agricultura familiar, criando paisagens produtivas que também abrigam a biodiversidade. Ao valorizar e utilizar as espécies nativas, elas demonstram — na prática — que é possível gerar renda de maneira sustentável, fortalecendo a economia local sem esgotar os recursos naturais. O conhecimento tradicional que possuem — sobre épocas de colheita, técnicas de manejo e formas de consumo — é um complemento vital ao conhecimento científico, e sua preservação é crucial para futuras gerações. Portanto, apoiar e reconhecer o papel dessas famílias não é apenas uma questão de justiça social, mas uma estratégia essencial para a conservação efetiva e afetiva do Cerrado.

Assim, a ciência deixa de ser uma atividade distante para se tornar um instrumento de empoderamento comunitário, em que o monitoramento da biodiversidade, a identificação de ameaças e a proposição de soluções passam a contar com a participação ativa daqueles que são os verdadeiros guardiões do Cerrado. O resultado é uma ciência mais relevante, contextualizada e comprometida com a transformação social.

Que esta leitura seja uma semente de reconhecimento, de valorização e de ação. Que inspire novas formas de habitar este território tão precioso, onde pessoas e natureza podem florescer juntas, conservando para as futuras gerações a riqueza que brota desse território.

EQUIPE CONDEEÉ E FAMÍLIAS
DOS ASSENTAMENTOS PRESENTE
DE DEUS E ITAJÁ





Condefé no Cerrado

Que fios tecem, afinal, a identificação com o Cerrado?

Há uma dificuldade por parte da população cerratense de se identificar com o Cerrado. Isso se deve à invisibilidade histórica, social e cultural a que esse vasto território foi submetido ao longo do tempo. Mesmo após o período compreendido entre as décadas de 1940 e 1970, quando o Cerrado passou a ser considerado um importante protagonista no cenário econômico nacional e internacional, historicamente, esse imenso bolsão de (bio)diversidades ainda não foi reconhecido na sua totalidade como um espaço geográfico que, ao longo de sua trajetória evolutiva, abrigou um conjunto extremamente singular de formas de vida e identidades.

Esse processo, que ainda persiste, tem colocado as riquezas cerradeiras em um vertiginoso processo de degradação. Tal situação faz com que os cerradeiros, povos desta região do Cerrado, assim como os habitantes de outros territórios, tenham dificuldade em compreender as características únicas desse bioma, que se estende diagonalmente pelo território brasileiro e faz fronteira com diversos outros biomas, como a Amazônia, a Caatinga, o Pantanal, a Mata Atlântica e os Chacos Paraguaios, por exemplo.

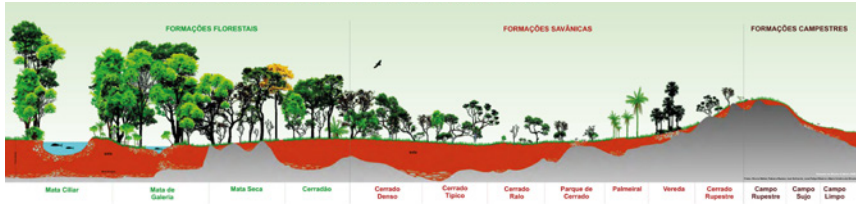
O Cerrado é conhecido como uma “floresta de cabeça para baixo”, devido às características peculiares de sua flora, e é considerado a “caixa d’água do Brasil”, por abrigar as nascentes das principais bacias hidrográficas do país. Essas bacias alimentam outros biomas e sustentam seus ciclos biológicos. Além disso, o Cerrado apresenta uma variedade fitofisionômica única, que o configura como um verdadeiro “mosaico de vida” no interior do país, sendo ainda um dos biomas mais antigos do planeta, com elevado índice de espécies endêmicas. Em suma, é um patrimônio integrado de vida, que apresenta relações únicas e muito particulares entre seus aspectos ecológicos, biológicos, históricos, culturais, sociológicos e antropológicos (Castilho; Chaveiro, 2010).

No entanto, mesmo com tantas particularidades e riquezas, o Cerrado permanece ausente na Constituição Federal de 1988, especificamente no artigo 225, §4º (Brasil, 1988). Paradoxalmente, é classificado como um *hotspot* de biodiversidade, ou seja, uma área com altíssima concentração de espécies únicas (endêmicas) e que, ao mesmo tempo, foi drasticamente devastada, tornando-a prioritária para a conservação.

O Cerrado é muito mais biodiverso e importante do que muitos acreditam. Esse bioma atrai cada vez mais a atenção, principalmente por suas características únicas que o elevam a uma categoria de importância e relevância, seja biológica, social ou cultural, seja econômica (Ribeiro *et al.*, 2021, p. 117). Diante desse cenário, torna-se urgente construir um ideário cerratense, no qual a sociedade aprenda a olhar para esse território tão rico e essencial, reconhecendo suas características, sua importância ecológica e suas distintas fitofisionomias.

De acordo com Ribeiro e Walter (2008), há 14 fitofisionomias no Cerrado, que se diferenciam em três distintas variações vegetacionais – Formações Florestais: Mata Ciliar, Mata de Galeria, Mata Seca e Cerradão; Formações Savânicas: Cerrado Denso, Cerrado Típico, Cerrado Ralo, Parque de Cerrado, Palmeiral, Vereda e Cerrado Rupestre; Formações Campestres: Campo Rupestre, Campo Sujo e Campo Limpo.

Fitofisionomias do bioma Cerrado



Fonte: Adaptado de Ribeiro; Walter (2008).

Estar e sentir o Cerrado é se perceber integrado a um mosaico vivo, onde clima, umidade, sazonalidade, vegetação, biodiversidade e solo se entrelaçam em uma dança constante. Este bioma não é uma simples coleção de elementos isolados, mas um sistema complexo onde a interação entre fatores bióticos e abióticos tece a tela da vida.

A mesma sazonalidade que dita o ritmo das chuvas, regula a floração das cagaitas e a dispersão das sementes de gabiroba; o solo profundo que armazena água nutre as raízes do buriti e sustenta a agricultura familiar; o clima que molda a fisionomia do Cerradão também influencia os saberes tradicionais sobre plantio e colheita.

Compreender o Cerrado como esse mosaico dinâmico é essencial para qualquer estratégia de conservação, pois revela como a preservação de uma nascente está ligada à polinização de uma frutífera nativa, e como o manejo do solo impacta todo o ecossistema. Só quando enxergarmos essas conexões profundas, poderemos verdadeiramente compreender a complexidade e a resiliência desse bioma.

As suas paisagens estão entrelaçadas a um contínuo de cobertura vegetal de beleza ímpar, todavia as imagens que se seguem capturam não apenas a grandiosidade dessas paisagens, mas também as marcas visíveis de um bioma sob constante pressão, onde a riqueza da cobertura vegetal convive, paradoxalmente, com os impactos ambientais que ameaçam sua existência.

Paisagens do Cerrado nos assentamentos

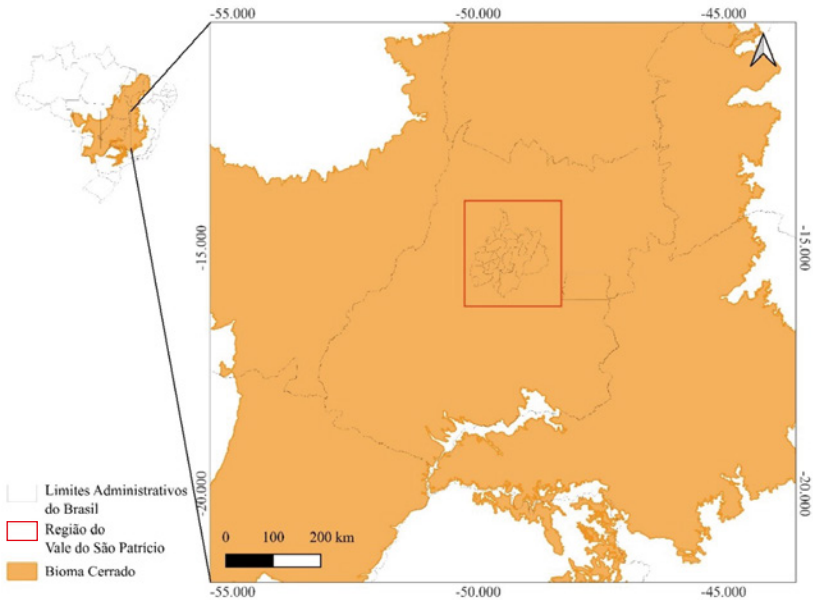


Fonte: registros feitos pela equipe do projeto *Condefé tem cagaita e gabioba* no Cerrado (2024 e 2025) nos assentamentos *Presente de Deus* e *Itajá*, Goianésia, Goiás.

Você sabe onde está localizado o Vale do São Patrício?

O Vale do São Patrício situa-se na região central do estado de Goiás, abrangendo uma área estratégica a noroeste da capital, Goiânia. Essa unidade territorial é definida pela bacia hidrográfica do rio São Patrício, importante afluente do rio Maranhão, integrando a vasta Bacia do Rio Tocantins, uma das mais relevantes para o regime hídrico do Centro-Oeste brasileiro. Municípios como Goianésia, Itapuranga, Carmo do Rio Verde e Rialma destacam-se como polos econômicos e demográficos dessa microrregião, cuja localização no coração goiano a posiciona como zona de transição entre fitofisionomias do Cerrado, conformando paisagens de alta diversidade e complexidade (Costa, 2020).

Localização geográfica do Vale do São Patrício, Goiás



Fonte: Os autores (2025).

A paisagem do Vale do São Patrício é marcada por um mosaico de fitofisionomias típicas do bioma Cerrado, incluindo Matas Ciliares e Veredas, ambientes úmidos que margeiam cursos d'água, funcionando como corredores ecológicos e refúgios de biodiversidade (Ribeiro; Walter, 2008); Cerrado *stricto sensu*, com sua fisionomia arbustivo-arbórea e troncos retorcidos e formações campestres abertas dominadas por gramíneas.

No entanto, a região vem passando por intensa transformação devido à expansão do agronegócio. Dados recentes apontam que o Matopiba, que inclui áreas de Cerrado em Goiás, lidera as taxas de conversão de vegetação nativa para agricultura mecanizada, especialmente soja e milho, e pastagens (MapBiomas, 2023). Essa dinâmica gera fragmentação de habitats, comprometendo a conectividade ecológica e a provisão de serviços ambientais.

A agricultura camponesa no município se depara com o desafio central de conciliar seu potencial produtivo com a sustentabilidade socioambiental, exigindo que suas práticas sejam compatíveis com a conservação do Cerrado (Bessa, 2017). Superar este desafio, no entanto, vai além de uma simples adequação técnica. Trata-se de fortalecer uma lógica de organização própria.

É justamente nesse ponto que a dimensão apontada por Zart (2024) se revela fundamental. A agricultura camponesa não é apenas um sistema de produção material, mas um território vivo de produções simbólicas, identidades e redes comunitárias de solidariedade. Essa organização social intrínseca é o alicerce que pode viabilizar a transição para modelos mais sustentáveis.

Dessa forma, a busca por soluções que atendam à demanda por alimentos saudáveis e diversos, em harmonia com a preservação do Cerrado (Bessa, 2017), encontra seu campo mais fértil na própria estrutura comunitária e na visão de mundo desses agricultores (Zart, 2024). A solidariedade e o conhecimento local, portanto, não são apenas traços culturais, mas ferramentas práticas e urgentes para ampliar práticas que unam a conservação ambiental à reprodução social e cultural do campesinato.

Nos assentamentos *Presente de Deus e Itajá*, locais em que foi desenvolvido o projeto, o protagonismo das mulheres camponesas é uma força motriz palpável no cotidiano. Elas estão na vanguarda de uma transformação concreta, assumindo um papel central na garantia da soberania alimentar por meio da produção de alimentos diversos, dentre os quais, destacam-se queijos, polvilho e polpas de frutas, como acerola. Sua atuação vai além, sendo as principais guardiãs do patrimônio genético por meio do manejo e da conservação da flora local.

Essas ações articuladas constituem a base de uma economia centrada nas mulheres e em suas lutas, em pleno desenvolvimento, que se opõem intencionalmente aos paradigmas da economia convencional (Santos; Marques; Leandrini, 2023). Dessa forma, a presença feminina nesses territórios não é apenas participativa, mas sim protagonista, moldando ativamente sistemas agroalimentares mais justos, biodiversos e resilientes.

Para além da divisão de lotes: o que torna um assentamento rural um território de vida, luta e futuro?

Os assentamentos rurais visam a garantir o acesso à terra e à moradia adequada a grupos populacionais que vivem em situação de vulnerabilidade social e econômica. Esses grupos podem incluir trabalhadores rurais sem-terra, populações tradicionais e outros segmentos que vivem em áreas urbanas ou rurais (Dalbianco, 2018). Os assentamentos rurais são áreas destinadas tanto à moradia quanto ao uso da terra e produção agrícola. Em sua maioria são resultado de programas de reforma agrária que têm por objetivo garantir o acesso à terra, à moradia digna, ao uso e à produção sustentável da terra.

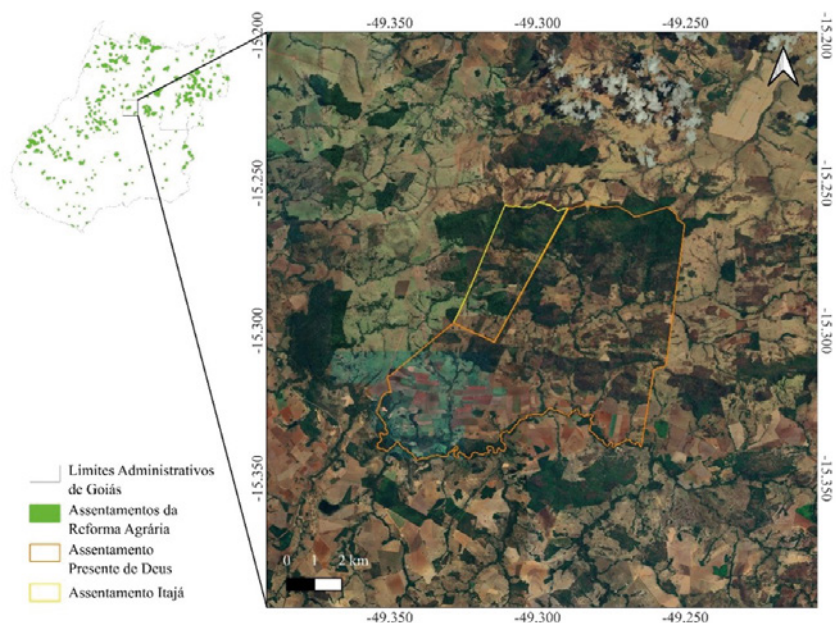
A implantação e desenvolvimento de assentamentos proporciona condições dignas de vida para as famílias que vivem em situação de vulnerabilidade, promovendo a inclusão social, o acesso à terra, à habitação e à infraestrutura básica. Além de tudo, essa prática busca promover o desenvolvimento econômico e social das regiões onde os assentamentos são criados, por meio da geração de emprego e renda e do estímulo à produção agropecuária e outras atividades econômicas.

Nesse sentido, o desenvolvimento de assentamentos é um processo complexo e multifacetado que envolve planejamento, gestão de recursos, infraestrutura, habitação, serviços públicos, sustentabilidade e participação comunitária, visando à criação de comunidades que sejam saudáveis, seguras, equitativas, prósperas e sustentáveis.

Nos assentamentos, os núcleos familiares recebem glebas de terra como também apoio técnico, para que possam produzir e buscar autonomia social e econômica, a partir da agricultura familiar, agroecologia e manejo sustentável dos recursos naturais, proporcionando e incentivando uma relação e uma convivência dos assentados com o ambiente natural. Além desses locais promoverem a inclusão social, reduzem as desigualdades no campo, a emancipação econômica, fortalecendo a economia local e regional, por meio da agricultura familiar e da agroecologia; do reflorestamento e do uso racional dos recursos naturais e da valorização dos saberes tradicionais.

O projeto *Condefé tem cagaita e gabioba no Cerrado* foi desenvolvido nos assentamentos *Presente de Deus* e *Itajá*, localizados no município de Goianésia, estado de Goiás, a saber:

Localização geográfica do município de Goianésia e os assentamentos rurais *Presente de Deus* (esquerda) e *Itajá* (direita), em remanescentes do Cerrado, Goiás



Fonte: Os autores (2025).

Localizado na região Centro-Norte de Goiás, o município de Goianésia teve seu impulso para o desenvolvimento agrícola devido a criação da Colônia Agrícola Nacional de Goiás (CANG), tornando-se um importante fornecedor de grãos para o mercado interno e externo como também um importante produtor da monocultura de cana-de-açúcar (Valle, 2016).

A transformação dos espaços naturais de Cerrado em Goianésia, município do Vale do São Patrício com forte tradição canavieira, está intrinsecamente ligada ao povoamento da região e sobretudo à expansão das plantações de cana-de-açúcar a partir da década de 1970. Conforme Bianchini (2022), esse ciclo de desenvolvimento gerou, ao longo do tempo, intensos impactos ambientais, incluindo desmatamento, poluição e o desgaste dos recursos solo e água.

Os assentamentos *Presente de Deus e Itajá* foram criados no que antes era uma propriedade rural, a Fazenda Itajá. Essa emblemática propriedade da região de Goianésia, Goiás, era propriedade da Família Siqueira. Sua sede foi construída por Jalles Machado de Siqueira, pai do ex-governador do estado de Goiás, Otávio Lage de Siqueira. Proveniente do município de Buriti Alegre de Goiás, Jalles Machado começou sua história em terras goianesienses juntamente com sua esposa Beatriz Lage Siqueira e seus filhos na Fazenda Itajá (Rodrigues, 2021).

A construção da sede se deu no início de 1951, e conta com 41 cômodos, com estilo colonial; atualmente, serve como potencial para o turismo na região onde se encontram os assentamentos *Presente de Deus e Itajá* (Rodrigues, 2021). Os assentados relataram que o casarão é palco de um rico imaginário popular, que se confunde com sua própria história. Entre as narrativas que permeiam o local, os moradores relatam fenômenos curiosos, como vozes audíveis em salas vazias, a figura de uma mulher avistada à janela da cozinha apreciando as paisagens de Cerrado e, ao entardecer, sons que remetem ao canto de aves locais.

Sede da Fazenda Itajá



Fonte: registros feitos pela equipe do projeto *Condefé tem cagaíta e gabiroba no Cerrado* (2024 e 2025) nos assentamentos *Presente de Deus e Itajá*, Goianésia, Goiás.

Para além dessas lendas, um fato histórico significativo e igualmente presente na memória coletiva é que os filhos de Jalles Machado aprenderam a nadar na piscina do casarão, um detalhe que humaniza o local e o conecta à vida cotidiana de uma das famílias influentes nesse período.

Quadro exposto na porta de entrada da sede da Fazenda Itajá



Fonte: registros feitos pela equipe do projeto *Condefé tem cagaíta e gabirola no Cerrado* (2024 e 2025) nos assentamentos *Presente de Deus* e *Itajá*, Goianésia, Goiás.

Na Fazenda Itajá, a vida cotidiana é profundamente marcada pela relação familiar, que constitui o alicerce de todas as atividades e práticas do espaço rural. Essa centralidade da família se manifesta material e simbolicamente, estando presente desde a entrada do casarão, que funciona menos como um portal impessoal e mais como a porta de uma casa grande, sempre aberta aos seus.

Expedições em campo: imersões que revelam os laços vivos entre práticas, saberes e o Cerrado

O contato direto com os elementos sociobiodiversos do Cerrado constitui uma etapa essencial para a produção de conhecimento. A observação em campo, seja sob a copa de uma Cagaiteira, seja guiada pelo aroma de uma gabirola madura, e a prosa espontânea de uma roda de conversa permitem acessar nuances ecológicas, culturais e econômicas que não emergem em contextos laboratoriais ou exclusivamente teóricos. Assim, para os pesquisadores do projeto *Condefé tem cagaíta e gabirola no Cerrado*, as expedições em campo configuraram-se como eixo estruturante das análises e da compreensão integrada desse território.

A expedição de campo, no âmbito de nossas pesquisas, configurou-se como uma estratégia metodológica que ultrapassou o caráter de simples deslocamento territorial. Constituiu-se em um retorno ao espaço sociobiodiverso que fundamenta o objeto de estudo: o Cerrado. A imersão no ambiente — marcada pela materialidade do solo, pelas práticas produtivas e pelas relações sociais ali estabelecidas — possibilitou o diálogo direto com sujeitos que detêm conhecimentos tradicionais essenciais para a compreensão do bioma, neste caso, as famílias assentadas.

As atividades desenvolvidas nos assentamentos *Presente de Deus e Itajá* constituíram processos de troca de saberes, nos quais a equipe de pesquisa deslocou-se do plano estritamente teórico para a observação e análise *in situ* das dinâmicas que estruturam os roçados e as paisagens locais. É nesses territórios que o Cerrado assume significados renovados, vinculados à luta pela terra e à construção de modos de vida que integram conservação ambiental e produção de alimentos.

Nesse percurso investigativo, as populações de Cagaiteiras e Gabirobeiras assumiram papel central, atuando como elementos-chave na interpretação das interações ecológicas, econômicas e culturais que definem o manejo e o uso dos recursos vegetais no contexto desses assentamentos.

As expedições de campo, realizadas de abril de 2024 a outubro de 2025, contaram com a parceria entre pesquisadores e comunidades assentadas como um marco fundamental para compreendermos a ciência cidadã no Cerrado. Essas saídas a campo transcenderam a simples coleta de dados. Elas se constituíram como espaços de diálogo de saberes, em que o conhecimento acadêmico e o tradicional se encontraram em pé de igualdade.

M.L. e F.G. relataram suas vivências em campo:



“Famílias humildes que tiram seu sustento da terra, cultivando verduras para a feira e criando gado leiteiro. A maioria dos presentes era composta por integrantes mais idosos, pioneiros do assentamento. Além disso, podemos observar o protagonismo das mulheres no cultivo de hortaliças. Demonstraram conhecimento sobre a cagaita, mas pouco sabem sobre a gabioba. Dominam o cultivo da acerola e dela fazem polpas para vender na feira. Enfrentam problemas no pasto com a planta denominada esponja. Demonstraram interesse em mudas de cagaita e gabioba para plantar em suas terras. Além disso, têm grande apreço pela terra que possuem, denominando-a muitas vezes como “meu paraíso na terra”.

“No dia 01/05 de 2025, realizamos mais uma expedição no assentamento em Goianésia para continuidade das ações do projeto Condefé tem cagaita e gabioba no Cerrado. A cada nova expedição, sinto que a equipe está mais integrada, tanto entre membros como com os participantes do assentamento. Por mais que a presença dos assentados dessa vez não tenha sido expressiva, as líderes estavam presentes, fazendo questão da nossa presença e nitidamente demonstrando um senso de pertencimento ao grupo. Na ocasião, problemas com local da reunião aconteceram. Com isso, tivemos que improvisar um local para que os resultados do projeto construídos até a presente data fossem apresentados aos participantes. Com limitações, porém sem desânimo, improvisamos um local em uma igreja que fica ao lado da sede da fazenda e realizamos uma roda de conversa com os participantes. Na ocasião, encontravam-se ali sete assentados, que nos ouviram atentamente, participando da conversa e relatando suas vivências. Uma nova etapa do projeto foi apresentada (coletâneas) e os participantes ali já ficaram animados com a possibilidade de contribuir para a construção da obra. Como sempre, ao final da prosa tivemos nosso saboroso lanche, com quitutes de produção caseira, queijo, café e chá. Ao final do encontro, foram distribuídas mudas de gabioba doadas pela Emater e uma cartilha sobre o plantio da muda. Dessa vez, o encontro mais intimista, com menor número de participantes, possibilitou uma interação maior. No meio das falas, relatos de uso de plantas medicinais, problemas enfrentados com a mastite bovina e “causos” contados por quem estava ali foram mais evidentes”.



Durante os trabalhos de campo, os pesquisadores não apenas acessaram informações ecológicas e botânicas valiosas sobre espécies como a cagaita e a gabiroba, mas também aprenderam com a profunda leitura que as comunidades faziam da paisagem local — uma leitura refinada pela convivência diária e pela transmissão geracional. Por outro lado, os assentados tornaram-se coautores do processo científico, validando e enriquecendo a pesquisa com suas observações e interpretações. J.A. relata:



“Fomos recebidos pelas duas líderes dos assentamentos, A. R. (Presente de Deus, também chamado de Verde Vida) e L. (Itajá, também chamado de Pica Pau). Foi uma recepção amistosa e calorosa. A reunião aconteceu em um antigo casarão mantido pela UniEvangélica de Goianésia. Esse espaço é utilizado pelas famílias para reuniões da Associação Verde Vida. O local mantém características originais da construção, não possui mobiliários, nem água, mas possui algumas cadeiras e acesso à corrente elétrica. Ao chegarmos, aguardamos as famílias se reunirem, e enquanto estavam chegando, fomos convidados a conhecer o terreno em torno da casa e as dependências da casa. Organizamos as cadeiras na sala principal, montamos o datashow e iniciamos a apresentação. Conseguimos reunir entre 10 e 12 famílias nesse primeiro encontro. Algumas famílias eram jovens (abaixo de 60 anos) e a maioria com membros acima de 60 anos.

[...]

O protagonismo feminino ficou evidente, as presidentes das associações são duas mulheres e a frequência maior na reunião era de mulheres. O encontro se iniciou com a apresentação de toda a equipe. Cada membro da equipe se apresentou e mostramos vídeos daqueles que não puderam comparecer. A coordenadora do projeto fez a apresentação do projeto: história sobre o título do projeto; concorrência em uma chamada nacional; apoio financeiro da FAPEG e da Fundação Grupo Boticário; expectativas sobre a disponibilização de equipamentos para os associados processarem os frutos e resultados esperados com o projeto.



Em seguida, foi apresentado um vídeo demonstrando a infraestrutura dos laboratórios da UEG envolvidos no projeto. Após essa exposição, em roda de conversa conduzida pela Profa. J., cada um dos presentes foi convidado a se apresentar e contar um pouco de suas histórias de vida; como chegaram às terras dos assentamentos; como vivem (quais são suas fontes de renda); quais as suas expectativas em relação ao projeto; seu conhecimento sobre as espécies cagaita e gabiropa na região. Foram momentos emocionantes. As falas foram gravadas e serão transcritas pela equipe do projeto. Em resumo, o protagonismo feminino ficou evidente, com as falas das mulheres descrevendo suas lutas para conseguirem o pedaço de terra (algumas moraram por anos em barracas de lona); suas rotinas na lida diária fazendo queijo, cultivando hortaliças para venderem na feira de Goianésia. Homens e mulheres ficaram emocionados ao descreverem a alegria por terem recebido as terras naquela região e o quanto são felizes por estarem ali, cultivando a terra, criando animais e tirando o sustento de suas famílias. Todos se referiram àquelas terras como um “presente de Deus”. Uma mãe de família se referiu ao vídeo que mostramos sobre a infraestrutura da UEG e ficou emocionada ao relatar que seu filho se graduou na área de Tecnologias da Informação na Universidade, o que a enchia de orgulho. Nessa roda de conversa, também vieram à tona demandas e solicitações dos assentados, como: solicitações de mudas das espécies cagaita e gabiropa, pois eles gostariam de plantar em suas terras; sugestões sobre o manejo de uma espécie invasora, conhecida como esponja, que tem causado prejuízos às famílias. O gado se alimenta com os frutos dessa planta, que pode ser abortiva. Ademais, o gado propaga as sementes por meio das fezes, tornando o controle da planta muito difícil. O contato telefônico da coordenadora foi repassado às famílias, e recebemos feedbacks quase imediatos à reunião, com fotos de plantas obtidas em suas casas, perguntando se se tratavam de gabiropa. Uma outra família enviou fotos de cagaitas floridas tiradas de seu quintal. Consideramos essas manifestações como indicativas do engajamento e interesse das famílias no nosso projeto. Para o próximo encontro, levaremos orientações sobre as demandas manifestadas pelas famílias e buscaremos demarcar os locais na região onde as plantas cagaita e gabiropa podem ser encontradas”.



A experiência de campo descrita evidencia a importância fundamental da escuta ativa e da construção de relações de confiança para o sucesso de projetos de pesquisa e extensão em assentamentos rurais. O relato demonstra que a recepção calorosa pelas líderes comunitárias e o uso de um espaço acolhedor às famílias — o casarão da Associação Verde Vida — criaram um ambiente propício para um diálogo genuíno. A metodologia participativa, especialmente a roda de conversa conduzida pela equipe, mostrou-se decisiva para compreender não apenas as expectativas em relação ao projeto, mas as próprias trajetórias de vida, lutas e saberes das comunidades. O protagonismo feminino emergiu como eixo central dessa dinâmica social, com as mulheres assumindo lideranças formais e narrando com emoção suas histórias de resistência e trabalho.

Os relatos transcenderam o âmbito da pesquisa acadêmica, constituindo-se em ferramentas de participação comunitária e partilha dos saberes locais. As manifestações pós-encontro, com o envio espontâneo de fotos de plantas e o relato emocionado sobre a graduação do filho na Universidade Estadual de Goiás, comprovam o estabelecimento de um vínculo significativo entre universidade e comunidade. Este processo dialógico não apenas legitima o conhecimento científico trazido pela equipe, mas principalmente valoriza os saberes tradicionais e as demandas concretas dos assentados, como o manejo de espécies invasoras e o acesso a mudas nativas. O sucesso da iniciativa reside precisamente nesta capacidade de transformar um projeto de pesquisa em uma construção coletiva, em que o conhecimento acadêmico e os saberes locais se efetivam mutuamente para promover desenvolvimento territorial sustentável.

Esse aprendizado, no entanto, ganha vida quando levado a campo. As imagens a seguir registraram a equipe do projeto *Condefé* em ação, imersa nas expedições que transformaram teoria em prática.

Expedições, equipe e famílias dos assentamentos



Fonte: registros feitos pela equipe do projeto *Condefé tem cagaita e gabioba* no Cerrado (2024 e 2025) nos assentamentos *Presente de Deus* e *Itajá*, Goianésia, Goiás.

Da síntese entre os relatos e as práticas documentadas, as expedições de campo emergem como uma prática fundamental para consolidar uma tríade produtiva entre a pesquisa acadêmica, a universidade pública e as comunidades assentadas. Essa imersão no território vai além da coleta de dados, constituindo-se como um espaço dialógico onde o saber científico sistemático e os saberes locais, tradicionais e ecológicos podem se encontrar. Conforme aponta Diegues (2000), existe um "saber tradicional", construído por populações locais ao longo de gerações, detentor de um conhecimento profundo sobre a biodiversidade e os ecossistemas. A universidade, ao levar sua capacidade investigativa para o campo, não extrai informações de forma unilateral; pelo contrário, ela se coloca em uma posição de escuta e aprendizado, permitindo que esses saberes sejam reconhecidos e valorizados.

Desse encontro, emerge um conhecimento novo e mais robusto, que não é nem puramente acadêmico nem estritamente local, mas sim uma síntese construída coletivamente. Essa prática é essencial para superar a visão fragmentada do conhecimento e abraçar uma verdadeira "racionalidade ambiental", como propõe Leff (2001), que integra as dimensões ecológica, cultural e social. Ao fortalecer esse diálogo de saberes, as expedições não apenas enriquecem a qualidade da pesquisa e cumprem a função social da universidade, mas também empoderam os assentados, valorizando seus conhecimentos e fortalecendo suas práticas de manejo sustentável. Dessa forma, o campo deixa de ser um mero objeto de estudo e se transforma no palco vivo, onde uma ciência relevante e transformadora pode florescer.

(Des) conhecer o Cerrado para valorizar... Reaprender a ler a paisagem para nela se pertencer

“Aqui onde nois tá, é Cerrado? Uai, o Cerrado é lá onde tem as árvores, nós aqui na roça não tá no Cerrado não [...]”.

Assim foi a indagação feita por um assentado na roda de conversa logo na apresentação do projeto *Condefé tem cagaita e gabioba no Cerrado* no dia 9 de abril de 2024, primeira expedição em campo com os assentados das comunidades *Presente de Deus* e *Itajá* no município de Goianésia, estado de Goiás.

Esses relatos foram obtidos por meio das rodas de conversas, metodologia que foi guiada pelos pesquisadores com a finalidade de contato inicial com representantes da comunidade nos assentamentos para esclarecer os objetivos do projeto; conhecer a realidade, necessidades, expectativas e ações esperadas de curto, médio e longo prazo e por fim identificar os usos, acessos e conhecimentos das comunidades acerca dos frutos do Cerrado em especial da cagaita e gabioba.

Este momento foi fundamental para compreendermos a profundidade da relação que essas comunidades mantêm com a sua terra. Os relatos compartilhados revelaram uma conexão complexa e em evolução com o Cerrado. Percebemos que o bioma é, ao mesmo tempo, desconhecido e familiar: sua vasta biodiversidade pode parecer distante, e frutos nativos como a cagaita e a gabioba muitas vezes não conquistam de imediato o afeto dos assentados, especialmente quando comparados a um símbolo cultural e afetivo já consolidado, como o pequi.

O relato “Aqui onde nós tá, é Cerrado? Uai, o Cerrado é lá onde tem as árvores, nós aqui na roça não tá no Cerrado não” revela com clareza a necessidade de (des) conhecer o Cerrado para valorizá-lo. A fala expõe uma dissociação entre a identidade local (“a roça”) e a percepção do bioma como algo distante (“lá onde tem as árvores”), demonstrando como a paisagem foi fragmentada pelo imaginário coletivo. Esse entendimento reforça a urgência de reaprender a ler a paisagem para nela se pertencer – é preciso reconhecer que a “roça”, a cultura, a vida cotidiana e a própria história de resistência dessas comunidades não existem à parte do Cerrado, mas são expressões profundas dele. Só quando o Cerrado for compreendido não como um cenário separado, mas como o chão que sustenta a existência, a cultura e o futuro dessas populações, é que o verdadeiro pertencimento poderá florescer, transformando não apenas a relação com a terra, mas a consciência de si mesmo nela.

Dessa forma, as rodas de conversa ultrapassaram a mera troca de experiências, tornando-se um catalisador de autonomia, resiliência e transformação social no campo.

As rodas de conversa revelaram-se instrumentos fundamentais de fortalecimento comunitário e valorização de saberes, operando como um espaço democrático onde vozes diversas dos assentados foram ouvidas e legitimadas. Nelas, o conhecimento técnico-científico dialoga diretamente com os saberes tradicionais e locais, gerando soluções contextualizadas para os desafios produtivos e ambientais.

Esse processo participativo não só facilita a transmissão de informações e inovações, mas também fortalece laços de confiança, estimula a organização coletiva e empodera os agricultores, transformando-os em protagonistas de seu próprio desenvolvimento.

A seguir, destacamos registros de momentos gratificantes das rodas de conversa:

Roda de conversa – diálogos sobre as histórias das famílias assentadas, suas expectativas e demandas em relação às propostas do projeto



Fonte: registros feitos pela equipe do projeto *Condefé tem cagaita e gabirola no Cerrado* (Expedição dia 09 de abril de 2024) nos assentamentos *Presente de Deus* e *Itajá*, Goianésia, Goiás.

Roda de conversa – diálogos sobre as histórias das famílias assentadas, suas expectativas e demandas em relação às propostas do projeto



Fonte: registros feitos pela equipe do projeto *Condefé tem cagaíta e gabioba no Cerrado* (Expedição dia 09 de abril de 2024) nos assentamentos *Presente de Deus e Itajá*, Goianésia, Goiás.

Rodas de conversa e mapeamento de Cagaiteiras na região



Fonte: registros feitos pela equipe do projeto *Condefé tem cagaíta e gabioba no Cerrado* (Expedição dia 04 de junho de 2024) nos assentamentos *Presente de Deus e Itajá*, Goianésia, Goiás.

Rodas de conversa e mapeamento de Cagaiteiras na região



Fonte: registros feitos pela equipe do projeto *Condefé tem cagaíta e gabioba no Cerrado* (Expedição dia 04 de junho de 2024) nos assentamentos *Presente de Deus* e *Itajá*, Goianésia, Goiás.

Rodas de conversa e coleta de cagaítas



Fonte: registros feitos pela equipe do projeto *Condefé tem cagaíta e gabioba no Cerrado* (Expedição dia 11 de outubro de 2024) nos assentamentos *Presente de Deus* e *Itajá*, Goianésia, Goiás.

Rodas de conversa e entrega das mudas de cagaita



Fonte: registros feitos pela equipe do projeto *Condefé tem cagaita e gabioba no Cerrado* (Expedição dia 23 de novembro de 2024) nos assentamentos *Presente de Deus* e *Itajá*, Goianésia, Goiás.

Rodas de conversa e entrega das mudas de gabioba



Fonte: registros feitos pela equipe do projeto *Condefé tem cagaita e gabioba no Cerrado* (Expedição dia 01 de maio de 2025) nos assentamentos *Presente de Deus* e *Itajá*, Goianésia, Goiás.

A escuta que constrói saberes:

a construção coletiva do conhecimento
nas rodas de conversa nos assentamentos
rurais



A escuta ativa durante as rodas de conversas permitiu construir coletivamente os próximos passos do projeto, garantindo que as ações propostas estivessem verdadeiramente alinhadas às demandas e aos anseios da comunidade. Dessa forma, o projeto não chegou como uma intervenção externa, mas como uma parceria que valoriza e incorpora os conhecimentos locais, fortalecendo a conservação do Cerrado a partir desses saberes.

A prática da escuta ativa durante as rodas de conversa revelou-se muito mais que uma ferramenta metodológica: foi um ato político de reconhecimento! Ao criar um espaço onde os saberes, as histórias e as demandas dos assentados foram não apenas ouvidos, mas verdadeiramente incorporados à estrutura do projeto, a iniciativa evitou a lógica colonial da intervenção externa. Dessa forma, o projeto não foi "aplicado" na comunidade, mas co-construído com ela, garantindo que suas ações emergissem das reais necessidades e anseios locais, e não de suposições alheias.

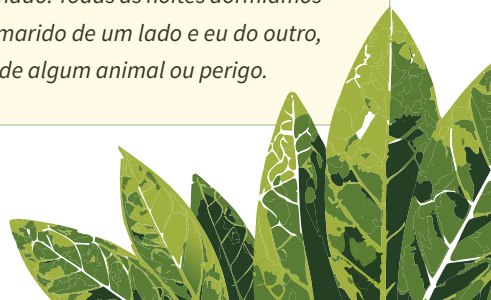
Esse processo é fundamental para a geração de um pertencimento ativo ao lugar. Quando os assentados percebem seus conhecimentos tradicionais sobre o Cerrado – como o manejo de frutos nativos e a identificação de espécies – sendo valorizados e integrados às propostas de conservação, a relação com o território se transforma: eles deixam de ser meros residentes para se tornarem guardiões legítimos e protagonistas da transformação socioambiental. Dessa forma, a escuta não só fortalece a eficácia do projeto, mas também reforça os laços identitários que unem as pessoas à terra, promovendo uma conservação que é, acima de tudo, cultural e afetiva.

Alguns dos relatos das rodas de conversa nos revelaram a luta, a esperança e o valor da terra para cada assentado participante do projeto, a saber:



Relato 1 (A.R.)

Eu sou A. R., acampada desde 2003. Em 2004, tive a minha primeira filha, B. Nós morávamos no corredor, à beira da estrada, no município de Heitoráí – GO. Uma das coisas que mais me marcou nessa época foi o início da minha vida como acampada, em busca da minha terra. Comecei em 2003, e em fevereiro de 2004, meu pai faleceu. Naquele momento, com a vontade de conseguir uma terra, eu falei para ele: “pai, eu não consigo mais ficar aqui esperando por uma terra, porque esse pessoal não fala a verdade, eles nos enganam, eu não dou conta mais. Ele colocou a mão no meu ombro e disse: “minha filha, não fique assim. O presidente Lula foi eleito, e ele vai nos dar uma terra.” Eu me lembro que respondi: “o senhor é muito iludido, isso não existe, eu vou desistir, vou embora.” Ele me respondeu: “não vai, não, minha filha. Você vai continuar aqui e vai conseguir sua terra também, assim como eu consegui.” Isso aconteceu em um sábado. Na terça-feira seguinte, meu pai faleceu, infartou. Aquilo ficou gravado na minha cabeça: a vontade de ir embora, a vontade de ficar... me marcou profundamente. Em 2006, conseguimos vir para o município de Goianésia, na Fazenda Itajá, no acampamento Presente de Deus, que na época ainda não era assentamento. Em 2010, finalmente conseguimos nossa terra. Hoje, cada um de nós tem a sua terra. É uma vida marcada pela incerteza, sem saber se conseguiríamos ou não, mas graças a Deus conseguimos. Foram muitos momentos de alegria e, às vezes, de muita tristeza, pois a incerteza gera uma insegurança enorme, sem saber se o tempo investido seria perdido ou se conseguiríamos. Outro episódio que me marcou muito foi em 2008, quando engravidei do meu segundo filho. Como passávamos por várias mudanças no acampamento, tivemos que nos mudar rapidamente para outro lado da fazenda. Eu estava grávida, minha filha B. tinha cerca de quatro anos, e não deu tempo de montar uma barraca. Meu esposo juntou nossas coisas, escolheu um lugar e passamos dias morando debaixo de uma árvore, até ele conseguir construir nossa casa e colocar o telhado. Todas as noites dormíamos sob a árvore, com minha filha no meio, meu marido de um lado e eu do outro, deixando uma luz ligada a diesel, com medo de algum animal ou perigo.



Durante esse período, fui ao médico, e ele me disse: “você precisa cuidar mais da sua pele, está grávida e sua pele está muito ressecada.” Ele não sabia que eu estava morando debaixo de uma árvore, com banho improvisado, sem como me cuidar adequadamente. Isso me marcou muito, porque as pessoas não sabem o que você está passando, e só eu sabia. Graças a Deus, meu filho nasceu saudável; hoje ele tem 16 anos. Continuamos nossa vida aqui no assentamento. Hoje sou presidente da associação, já estou no meu segundo mandato, e é uma grande gratificação. Aqui, no Presente de Deus, todos os dias, reconhecemos que realmente é um presente de Deus. Temos nossa associação, nosso núcleo, nossa igreja, participamos de vários grupos e vivemos felizes. Quando dizemos que moramos no Presente de Deus, na Fazenda Itajá, todos comentam: nossa, que riqueza, que coisa mais linda! Essa é a minha história, os acontecimentos que mais me marcaram como acampada, até hoje”.

Relato 1 (A.R.)



O relato de A. R. sintetiza com profunda eloquência a função multidimensional da mulher no campesinato contemporâneo. Sua narrativa, que atravessa a luta pela terra, a maternidade e a resistência física e emocional, revela alicerces invisíveis da reforma agrária. Ao mesmo tempo, sua trajetória demonstra uma íntima relação com o Cerrado não como mero recurso, mas como território de existência: a árvore que serviu de teto, o solo que testemunhou seus partos e lutas, a paisagem que acolheu sua família. Hoje, como presidente da associação, ela transmuta dessa experiência em saber organizacional e comunitário, garantindo que os conhecimentos sobre resistência, pertencimento e gestão coletiva não se percam, mas se renovem como herança viva para as novas gerações, unindo indissociavelmente a conquista da terra à conservação de sua memória afetiva e política.



Relato 2 (D.E.)

Eu sou a D.E. e eu vim de Itaporanga e acampeei no lugar chamado Córrego do Café. Foi um tempo bom e, ao mesmo tempo, um tempo ruim, porque lá eu perdi o meu marido. Aí eu continuei na luta, na luta, na luta. Fiquei 16 anos debaixo de barraca e depois vim para Itajá. Aqui em Itajá, também vivi uma passagem triste: eu perdi a minha filha. No dia em que o D. nasceu, eu perdi minha filha mais velha. Ela tinha 41 anos e seria quem ficaria comigo na terra, porque a outra filha morava em Goiânia. No dia do enterro da minha filha A., o L. disse que viria morar comigo. E aqui estou, nessa luta. Sabe, eu gosto daqui. Tenho vizinhos que considero irmãos, e há uma filha que é como uma amiga muito próxima. Eu gosto muito deles; são pessoas que eu amo demais. Aqui estou, já completei 80 anos em agosto e estou na luta, graças a Deus. Tenho meus filhos, um mora em Goiânia e a A. mora aqui, como você conhece, e a B. também. E estou aqui, esperando que você apareça um dia, e continuo pelejando. Chegamos aqui em 16 de setembro de 2006. Achei engraçado e, ao mesmo tempo, foi uma parte triste. Fiquei com muita vergonha porque todo mundo saiu na porta para ver a nossa mudança. Eu pensei: “Esse povo não vai gostar de nós. Mas o tempo passa, e aos poucos fomos nos adaptando. Eu peguei tanta amizade com o pessoal que, quando precisava comprar algo, eles vendiam fiado, e essa amizade perdura até hoje. Então, acostumei com as pessoas e elas acostumaram com a gente. Foi muito bom. Eu gosto demais daqui: de Goianésia, dos meus vizinhos, do povoado... tudo. Quando chegamos, as reuniões na fazenda eram muito boas, porque reuniam todo mundo. Fazíamos festas no Dia das Mães, Dia dos Pais, Dia das Crianças. Eu participava sempre da cozinha, ajudando, preparando arroz e galinhada. Era muito bom ver todos comendo. Sempre quis ajudar, e até hoje faço muitas coisas para todos. Aqui sou como uma mãe para todo mundo, sempre me importando, ajudando, preparando comidinhas gostosas. Quando viemos morar aqui, eu já trouxe um gatinho e meu gado. Dei dois caminhões de gado e paguei por eles. Algumas vacas se perderam, mas conseguimos nos reorganizar. Pensa numa família boa que nos acolheu! Foi muito bom, e até hoje sou grata a eles. Algumas pessoas queriam que eu trocasse de terra, mas eu disse: não, vou ficar no lugar que Deus me deu.

E aqui estou, até hoje, muito feliz. Quando cheguei, já tinha uma filha casada que tinha uma filha chamada B. Depois, nasceu o A. Fiquei muito contente porque minha filha colocou o nome do meu marido no meu neto; foi uma grande alegria. Hoje tenho netos em Goiânia e quatro aqui: três meninas e um menino, o A., filho da A. R. Meu marido não teve o prazer de ficar na terra, mas ele sempre dizia que deixaria os filhos comigo. E eu estou aqui cuidando deles. Minha alegria são os netos e a terra. Quero deixar essa terra como legado. Deus sempre esteve à frente, e se não fosse por Ele, não seríamos nada. Minha mãe criou muitos filhos: somos 15 irmãos, sendo 11 mulheres. Eu cuidava das minhas irmãs, porque meu pai, baiano, era exigente, e as outras irmãs não tinham paciência. Eu tinha. Hoje, quando chego em Goiânia, meus irmãos vão até onde estou para comer o bolinho que faço. Graças a Deus, todos estamos vivos. Tenho um irmão, filho da primeira mulher do meu pai, que nos criou como filhos. Ele está com 88 anos em Goiânia, e espero visitá-lo em breve. Amo minha família, meus vizinhos, todo mundo. Não tenho inimizade com ninguém. Quando eu era criança, só estudei até o segundo ano. Na roça, não havia merenda; levávamos arrozinho, feijão e ovo frito. Eu ficava apaixonada pelo mingau de leite que os professores comiam, mas não tinha coragem de pedir. Hoje, a realidade é diferente; as crianças da roça têm merenda duas vezes por dia, e isso me deixa muito feliz. Na minha terra, tenho pés de café, que já torrei e uso para meu cafezinho. Também cultivo cajuzinho e caju, que uso para fazer suco e doces. Faço doce de banana e vendo para amigos em Goiânia. Faço doce de mamão e de figo, e até sabão artesanal. Tudo com muito prazer e dedicação. Graças a Deus, essa é a minha vida: uma vida de luta, trabalho, amor à família, à terra e à comunidade.

Relato 2 (D.E.)



O relato de D.E. constitui um testemunho vivo da função real da mulher no campesinato, onde a resistência se entrelaça com os afetos e os saberes. Aos 80 anos, sua trajetória revela como a mulher torna-se território de memória e resiliência – sobrevivendo à perda do marido e da filha, transformando luto em luta, e tecendo redes de cuidado que convertem no convívio no assentamento. Sua relação com o Cerrado manifesta-se como convivência diária: do café colhido no quintal ao caju transformado em doce. Ao afirmar "quero deixar essa terra como legado", D.E. sintetiza o papel das mulheres como guardiãs desse local.



Relato 3 (D.B.)

“Quando chegamos aqui, no dia 24 de setembro de 2006, agora vai fazer dezoito anos. Eu cheguei num caminhão de mudança de um amigo nosso, que trouxe três famílias junto com as coisas dessas famílias. Na época, eram o seu A. e a dona F., o seu A. e a dona C. Trouxemos também uma menininha de um ano e nove meses, loirinha, de cabelinhos cacheados, muito linda: J. Trouxemos uma bicicletinha velha e algumas coisinhas. No dia em que chegamos, o tempo estava fechando e trovejando muito, prestes a chover. Improvisamos um jantar, pois chegamos tarde, e o motorista do caminhão queria ir embora. Paramos em um pasto e ali colocamos nossas mudanças, nossas coisinhas, o começo de um sonho. As três famílias se uniram e fizeram um jantar coletivo. Para dormir, lembro de algo muito interessante: nós trouxemos uma lona preta e uma armação de ferro, que mais tarde virou um galinheiro. Colocamos o colchão embaixo desse lugar e ficamos preocupados com a J., que ainda era bebê. Cobri o colchão com a lona e fomos dormir. No outro dia, cadê a menina? Fomos procurar — ela tinha saído de debaixo da lona e estava do lado! Foram muitas aventuras que passamos por aqui. Depois, morei com essas famílias reunidas num lugar chamado Retiro, onde vivia a dona D. e o senhor B., o esposo dela. Eles nos acolheram muito bem. Já estavam aqui havia uns dez anos, vindos de outros lugares. O senhor B. fazia algo muito bonito: ele doava leite para a J., que ainda era bebê e tomava mamadeira. Sou muito grata por essa bondade. Vivemos um tempo com essas famílias, até que saíram as terras para o pessoal mais antigo. Alguns não quiseram ficar nos lotes que já ocupavam, e meu esposo disse: — Não, eu quero outro lugar. Quero mudança! Então mudamos para a beira da estrada, depois da GO, onde fizemos nosso ranchinho. Naquele tempo, era estrada de chão. Ficamos esperando sair nossa terra, do lado da sede da fazenda. Algumas famílias, como nós, ficaram na beira da estrada. Um dia, meu vizinho disse ao J.: — “coloca uns paus firmando o rancho, pra não derrubar nem arrancar a lona de cima.” Mas, com tanto trabalho, ele acabou não colocando. Então veio uma chuva muito forte.

Eu estava balançando a J. na rede, quando um vento forte soprou e levou a lona embora. A água começou a cair dentro do rancho, molhou tudo, virou lama. Mas algo incrível aconteceu: nossos vizinhos vieram correndo nos ajudar, subiram no rancho, seguraram as lonas e ficaram preocupados conosco. Queriam que fôssemos dormir na casa deles, mas agradecemos e ficamos. Logo depois, o sol saiu quente, colocamos as cobertas pra secar e seguimos firmes. A água chegou a cair dentro do bercinho da J., mas, mesmo assim, nada se perdeu. Meu vizinho ficou admirado e perguntou: — “Vocês não estão nervosos nem chateados?” E eu respondi: — “A melhor coisa dentro deste rancho é Deus, que está guardando e abençoando a gente.” Foi verdade. Deus sempre esteve conosco. Hoje, temos nossa casa, gado, plantações e colheitas. Graças a Deus temos nosso meio de sobrevivência, levamos alimentos para a cidade — é uma riqueza, porque a gente alimenta outras pessoas. Lembro também da época em que morávamos nos primeiros ranchos. A água era tirada da cisterna com uma carretilha, puxando o balde com uma corda. Ficamos oito anos sem energia. Depois, mudamos para um lugar melhor, mais perto da sede, a uns dois quilômetros da GO. Meu marido conseguiu canalizar água por uma mangueira até o rancho — parecia uma bênção! Ver a água jorrando sem precisar tirar do poço era uma alegria. Tomávamos banho com aquela água da mangueira, uma coisa maravilhosa. Nesse rancho, que era de telha de eternit fina, engravidei do D. Quando aconteceu o sorteio da terra, eu estava grávida de oito meses. Pegamos a parcela 102. O J. quis que a J. pegasse o papel. Ela tinha uns quatro anos. Ele dizia que pedia sempre a Deus para guiar nossos olhos e abençoar o lugar onde moraríamos. E eu creio que é um lugar abençoado, sim. No dia do sorteio, cada família tirou seu papel da “comboquinha”. Uns ficaram muito felizes, outros tristes, mas no fim tudo se encaixou. As pessoas trabalharam, conquistaram, e muitas já se foram — algumas venderam seus lotes, outras faleceram, pois já eram de idade. Quando mudamos para o lugar onde moro hoje, aqui no alto do morro, não havia estrada.



Relato 3 (D.B.)



O caminhão estava carregado e atolou na porta do vizinho. Minhas coisas ficaram onze dias dentro do caminhão atolado. O J. teve que buscar tudo nas costas, aos poucos, quando a chuva dava trégua. Foi um tempo difícil, mas superamos. Depois, já instalada aqui, fiquei sem água encanada. Tinha uma mina d'água, e o J. carregava água nas costas. Fiquei dez dias sem água. No dia do meu aniversário, ele trouxe 1.400 metros de mangueira e canalizou a água até a casa. Foi uma alegria imensa, porque água é vida. Mais tarde, conseguimos construir a casa do Incra, com banheiro de piso, trazendo mais dignidade pra nossa família. No começo, não tinha energia nem bomba pra puxar a água, então o J. comprou um motobomba e enchia a caixa pra o pedreiro, o senhor N. (que já faleceu), terminar nossa casa. Enquanto isso, ainda dormíamos no barraco e tomávamos banho lá. Depois, quando começamos a usar a casa nova, minha irmã deu a ideia de trazer a água num carrinho pra tomar banho aqui. Um dia, o J. estava tomando banho e apareceu uma cobra grande! Foi um susto, mas rendeu história. Hoje, graças a Deus, temos uma vida boa. Temos poço artesiano, água, conforto e, acima de tudo, fé. Louvado seja Deus por tudo que vivemos e conquistamos."

O relato da assentada revela a função central da mulher no campesinato como tecelã da resistência cotidiana, transformando lonas sopradas pelo vento e ranchos inundados em espaços de afeto e cuidado familiar. Sua narrativa demonstra uma relação sensível com o Cerrado, onde a água canalizada por meio de mangueiras torna-se "uma bênção" e a organização comunitária para superar intempéries revela uma profunda leitura da paisagem como território de auxílios mútuos. Pela memória afetiva — do leite doado para a filha às receitas adaptadas em condições precárias — ela personifica a transmissão intergeracional de saberes que converte adversidade em pertencimento, transformando a conquista da terra não apenas em um direito legal, mas em um legado moral e afetivo entrelaçado com as forças do Cerrado que a acolheu.

As histórias de luta e superação relatadas foram registradas e mostram a assentada na reunião de entrega dos lotes, os primeiros abrigos no acampamento e os rostos que compartilharam essa jornada.

Reuniões para as entregas de lotes e primeiros assentamentos



Fonte: registros cedidos pelos moradores do assentamento *Presente de Deus e Itajá*, Goianésia, Goiás.

Do fruto ao pote:

oficina para aprender, fazer e se reconhecer
no sabor do Cerrado

Em uma das expedições de campo, foi realizada a oficina intitulada *Do fruto ao pote* com o objetivo de orientar sobre as técnicas de manejo sustentável, processamento e aproveitamento da cagaita. As cagaitas utilizadas na oficina foram coletadas nos lotes de terra dos assentados e em regiões vizinhas. A oficina foi orientada por pesquisadores do projeto e contou com o apoio da Secretaria de Agricultura da Prefeitura de Goianésia, que cedeu o espaço destinado à cozinha da Feira Municipal para sua realização. A escolha desse local apresenta relevância metodológica e simbólica, uma vez que constitui o principal ambiente de comercialização dos produtos oriundos das famílias assentadas, reforçando a conexão entre a prática formativa e o contexto real de geração de renda.



Equipe e assentados na oficina “Do fruto ao pote”



Fonte: registros feitos pela equipe do projeto *Condefé tem cagaita e gabirola no Cerrado* (Expedição dia 19 de outubro de 2025) nos assentamentos *Presente de Deus* e *Itajá*, Goianésia, Goiás.

A oficina representou muito mais do que um aprendizado técnico sobre processamento de frutos; ela se configurou como um espaço ativo de redescoberta e revalorização da riqueza das frutíferas do Cerrado.

Ao demonstrar o potencial de processamento da cagaita — anteriormente pouco valorizada pelas famílias assentadas — em produtos de maior valor agregado, como a geleia, promoveu-se uma ressignificação do fruto, estimulando uma nova percepção sobre seu uso e importância econômica. A atividade não se restringiu à transmissão de um procedimento culinário. Os participantes foram incentivados a desenvolver uma leitura ampliada do território, reconhecendo na cagaita e em outras espécies nativas um potencial alimentar e econômico historicamente subutilizado em função de dinâmicas socioculturais associadas ao modelo agroindustrial hegemônico. Tal abordagem contribuiu para fortalecer práticas de valorização da sociobiodiversidade, constituindo um componente relevante para as estratégias de conservação do Cerrado.

A importância dessa iniciativa reside justamente em seu poder de gerar pertencimento e autonomia. Ao "fazer" a geleia com as próprias mãos, a comunidade reassume seu papel de guardião do território, apropriando-se de um saber-fazer que conecta o fruto colhido localmente a um produto final com identidade cultural. O ato coletivo de cozinhar e compartilhar os sabores resgata memórias afetivas e, ao mesmo tempo, constrói novos futuros possíveis.

A seguir, apresentamos a receita da geleia de cagaita:

Geleia de cagaita

do assentamento

Ingredientes

- 1,5 kg de polpa de cagaita
- 500g de açúcar
- Suco de 1 limão

Modo de preparo

Coloque a polpa em uma panela. Cozinhe em fogo baixo até amolecer, mexendo de vez em quando. Se precisar, adicione um pouco de água para não grudar. Acrescente o açúcar e o suco de limão, mexendo sempre até engrossar e chegar na textura de geleia. Depois, deixe esfriar e leve à geladeira.



A equipe do projeto Condefé e famílias dos assentamentos imersas na oficina de processamento da cagaita



Fonte: registros feitos pela equipe do projeto *Condefé tem cagaita e gabioba no Cerrado* (Expedição dia 19 de outubro de 2025) nos assentamentos *Presente de Deus* e *Itajá*, Goianésia, Goiás. Oficina de processamento da cagaita e produção de geleia.

EQUIPE CONDEDEÉ E FAMÍLIAS
DOS ASSENTAMENTOS PRESENTE
DE DEUS E ITAJÁ



REFLEXÕES FINAIS

Os assentamentos *Presente de Deus* e *Itajá* estão imbricados no coração do Cerrado goiano, na região do Vale do São Patrício, localizada no Centro-Norte do Estado de Goiás, território historicamente reconhecido como berço da produção agropecuária e da ocupação rural goiana. Essa região, marcada por paisagens de campos, veredas e matas, representa um dos espaços mais expressivos do bioma-território, tanto por sua diversidade ecológica quanto por sua relevância sociobiodiversa.

A relação etnográfica, ecológica, social, cultural e econômica que as comunidades dos assentamentos *Presente de Deus* e *Itajá* construíram com a terra representa um verdadeiro compêndio vivo da história de Goianésia, GO e do Vale do São Patrício. Nesses territórios, o tempo moldou não apenas as paisagens, mas também as identidades e os modos de vida de comunidades que aprenderam a existir em diálogo com o Cerrado.

Ao longo dos anos, os assentados construíram vínculos profundos com o lugar que lhes foi concedido, aprendendo a cultivar e viver da terra, mas também a preservá-la e respeitá-la. Cada roçado, cada árvore frutífera, cada nascente cuidada expressa a sabedoria de quem compreendeu que desenvolvimento e conservação não são forças opostas, mas partes de um mesmo processo de convivência sustentável.

Compreender as potencialidades naturais da região como a presença abundante das Cagaiteiras na terra de cada assentamento é reconhecer que o manejo sustentável dessa espécie nativa e de outras promove dignidade e empoderamento econômico e social, pertencimento e identidade cultural.

O compromisso precisa ser coletivo e contínuo. Cabe a cada um, pesquisadores, educadores, agricultores, assentados, lideranças femininas, gestores e cidadãos agir de forma ética e responsável diante do território cerradoeiro. O Cerrado não é apenas um espaço geográfico: é um patrimônio de saberes, de memórias e de esperanças.

Esse compromisso é movido pela gratidão. Aos assentados e assentadas, que tecem com as mãos a esperança no Cerrado, nosso profundo agradecimento por nos ensinarem que preservar é, antes de tudo, um ato de amor à própria origem.



DICAS PARA VOCÊ QUE DESEJA OBTER MAIS INFORMAÇÕES

Núcleo de Agroecologia e Educação do Campo (GWATÁ)
da Universidade Estadual de Goiás (UEG)
<https://gwata.ueg.br/>



Núcleo de Saberes Ambientais e Tradicionais do Cerrado
(NuSACER) da Universidade Estadual de Goiás (UEG)
<https://www.nusacer.com/>

Vídeo da Comissão Pastoral da Terra (CPT) - Rostos, Vidas e
Identidades sobre a diversidade dos Cerrados que está presente
em cada rosto de seus povos e comunidades tradicionais
https://www.youtube.com/watch?v=OuWA_dfHdHs&t=76s



Assentamentos - Incra - Portal Gov.
<https://www.gov.br/incra/pt-br/assuntos/reforma-agraria/assentamentos>

Edital de credenciamento para associações e cooperativas da
sociobiodiversidade do Cerrado goiano
<https://goias.gov.br/meioambiente/gerencia-de-economia-verde-e-circular-3/>



@CONDEFECERRADO

Projeto Condefé tem
cagaita e gabioba no
Cerrado



@PDIBIOUEG

Laboratório de Pesquisa,
Desenvolvimento &
Inovação de Produtos da
Biodiversidade



@LAB_LABSACER

Laboratório de Saberes
Tradicionais e
Ambientais do Cerrado

BIBLIOGRAFIA

BESSA, M.M. **Agrobiodiversidade e sustentabilidade na produção camponesa: o caso do assentamento Vitória no município de Goianésia (GO)**. 2017. 131p. Dissertação (Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Territorial na América Latina e Caribe (TerritoriAL) - Instituto de Políticas Públicas e Relações Internacionais (IPPRI), Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” - UNESP, 2017.

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal, 1988.

BAPTISTA, G.C.S.; ROBLES-PIÑEROS, J. Sustentabilidad Ambiental en la Enseñanza de las Ciencias con Comunidades Tradicionales: Interfaces Etnobiología, Etnoecología y Cognición situada. **Praxis & Saber**, v. 16, n. 44, p. 1 - 17, 2025.

BARBA, R.Y.B.; SANTOS, N. A bioeconomia no século XXI: reflexões sobre biotecnologia e sustentabilidade no Brasil. **Revista de Direito e Sustentabilidade**, v.6, n.2, 2020.

BIANQUINI, M.D.S. **Paisagens e transformações ambientais decorrentes da indústria sucroalcooleira em Goianésia, Goiás**. 2022. 74p. Dissertação (Centro Universitário de Anápolis - Programa de Pós-Graduação em Sociedade, Tecnologia e Meio Ambiente), 2022.

CASTILHO, D.; CHAVEIRO, E.F. **Por uma análise territorial do Cerrado**. Cerrados: perspectivas e olhares. Goiânia: Vieira, p. 35-50, 2010.

COSTA, D. L. **Condição de gênero nas relações de trabalho em áreas de cultivo da cana-de-açúcar na região do Vale do São Patrício, Goiás** [manuscrito] / Dario Leopoldino da Costa – 2020. 101f.

DALBIANCO, V. P. A institucionalidade do Programa de Assessoria Técnica, Social e Ambiental (ATES) NO/RS. In: DALBIANCO, V.P. *et al.* (Org.). **Uma nova ER pública: a experiência pluralista e descentralizada da Assessoria Técnica, Social e Ambiental (ATES) no Estado do Rio Grande do Sul**. Ijuí: Unijuí, 2018.

FLORITI, L.F. Dos conflitos ambientais à ética socioambiental: um olhar a partir dos povos e comunidades tradicionais. **Desenvolvimento e Meio Ambiente**, v. 52, p. 261-283, 2019.

MAPBIOMAS. **Projeto MapBiomias** – Coleção 8 da Série Anual de Mapas de Cobertura e Uso do Solo do Brasil. [S. l.], 2023. Disponível em: <https://mapbiomas.org/>. Acesso em: 20 out. 2025.

LEFF, E. **Epistemologia Ambiental**. São Paulo: Cortez, 2001.

RIBEIRO, C.L.; BICALHO, P.S.S.; CASTRO, J.D.B. *et al.* Cerrado: De bolsão de biodiversidade a prisioneiro do desenvolvimento. *In*: LEAL, A.C.; CÉSARO, S.G.F.; PEIXOTO, J.C. *et al.* **Novas Fronteiras no Oeste: Relação entre Sociedade e Natureza na Microrregião de Ceres em Goiás (1940-2013)**. Goiânia: Kelps, 2021.

RIBEIRO, J. F. *et al.* (Org.). **Cerrado: Caracterização e Recuperação de Matas de Galeria**. Planaltina, DF: Embrapa Cerrados, 2021. p. 117.

RIBEIRO, J. F.; WALTER, B. M. T. Principais fitofisionomias do Cerrado. *In*: SANO, S. M.; ALMEIDA, S. P.; RIBEIRO, J. F. (Ed.). **Cerrado: ecologia e flora**. Brasília, DF: Embrapa Informação Tecnológica: Planaltina, DF: Embrapa Cerrados, 2008. cap. 6, p. 152-212.

RODRIGUES, T.M.C. **Sustentabilidade nos assentamentos rurais: o caso da Fazenda Itajá em Goianésia/GO - Assentamento Presente de Deus**. 2021. 152p. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Sociedade, Tecnologia e Meio Ambiente) - Universidade Evangélica de Goiás, 2021.

SANTOS, G.R.; MARQUES, S.A.; LEANDRINI, J.A. Sementes de uma economia camponesa, feminista e agroecológica presentes na prática dos quintais produtivos das mulheres camponesas do MMC/SC. **Revista Grifos**, v. 32, n. 60, p. 01-20, 2023.

SILVA, P.S., LIBONATI, R., SCHMIDT, I.B., NOGUEIRA, J., DACAMARA, C.C. Climate Change and Fire: The Case of Cerrado, the Brazilian Savanna. *In*: MISHRA, M., LUCENA, A.J., MAHARAJ, B. (Eds). **Climate Change and Regional Socio-Economic Systems in the Global South**. Singapore: Springer, 2024. DOI: https://doi.org/10.1007/978-981-97-3870-0_6.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia**: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. Tradução de Livia de Oliveira. São Paulo: Difel, 1980.

VALLE, L. **História, conservação e legislação ambiental no Vale do São Patrício**: abordagem exploratória e descritiva. 2016. 66p. Dissertação (Centro Universitário de Anápolis - Programa de Pós-Graduação em Sociedade, Tecnologia e Meio Ambiente), 2016.

ZART, L.L. Economia Camponesa, educação e complexos organizacionais: vozes dos/as camponeses/as relativas aos contextos vividos. **GEOGRAFIA: Ambiente, Educação e Sociedades-GeoAmbES**, v. 2, n. 6, p. 75-94, 2024.

SOBRE AS ORGANIZADORAS

Joelma Abadia Marciano de Paula

Farmacêutica, mestre e doutora em Biologia pela Universidade Federal de Goiás (UFG) com pós-doutorado em Inovação Farmacêutica pela Universidade Federal de Goiás (UFG). Docente da Universidade Estadual de Goiás no Curso de Farmácia e no Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Recursos Naturais do Cerrado. E-mail: joelma.paula@ueg.br.

Josana de Castro Peixoto

Licenciada, bacharel, mestre e doutora em Biologia, com estágio pós-doutoral pela Universidade Federal de Goiás (UFG) em parceria com o Programa en Biología y Ecología Aplicada na Universidade de La Serena, La Serena, Chile. Docente do quadro efetivo da Universidade Estadual de Goiás, campus sede central e do Programa de Pós-graduação em Territórios e Expressões Culturais do Cerrado. Docente na Universidade Evangélica de Goiás nos cursos de graduação em Ciências Biológicas e Medicina. Docente no Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Sociedade, Tecnologia e Meio Ambiente e no Programa de Pós-graduação em Ciências Farmacêuticas, Farmacologia e Terapêutica. E-mail: josana@ueg.br.

SOBRE OS AUTORES

Ailyn de Oliveira Vilela

Engenheira Agrícola e Ambiental, mestre em Engenharia Agrícola pela Universidade Federal de Viçosa (UFV), doutoranda em Recursos Naturais do Cerrado pela Universidade Estadual de Goiás (UEG) e especialista em Bioinsumos pelo Instituto Federal Goiano (IFGoiano). E-mail: ailyn.ovilela@gmail.com.

André José de Campos

Engenheiro Agrônomo, mestre e doutor em Energia na Agricultura pela Faculdade de Ciências Agronômicas (UNESP), com período sanduíche na Universidad Politécnica de Cartagena - UPCT/Espanha e pós-doutorado pela Universidade Federal de Roraima (UFRR). Docente do curso de Engenharia Agrícola da Universidade Estadual de Goiás (UEG). E-mail: andre.jose@ueg.br.

Anielly Monteiro de Melo

Licenciada em Química, mestre em Agroquímica pelo Instituto Federal Goiano (IFGoiano), doutora em Recursos Naturais do Cerrado pela Universidade Estadual de Goiás (UEG) e pós-doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Recursos Naturais do Cerrado pela Universidade Estadual de Goiás (UEG). E-mail: anielly@aluno.ueg.br.

Aryane Ribeiro Oliveira

Engenheira de Alimentos pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA), mestre e doutora em Ciência e Tecnologia de Alimentos pela Universidade Federal de Goiás (UFG) e pós-doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Engenharia Agrícola da Universidade Estadual de Goiás (UEG). Docente visitante na Universidade de Brasília (UnB). E-mail: oli.aryane@outlook.com.

Charles Lima Ribeiro

Biólogo, mestre em Ciências Moleculares, doutor em Ciências Ambientais pelo Programa de Sociedade, Tecnologia e Meio Ambiente, pela Universidade Evangélica de Goiás (UniEvangélica), com pós-doutorado pelo Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Territórios e Expressões Culturais no Cerrado da Universidade Estadual de Goiás (UEG). E-mail: charles20lima@gmail.com.

Cristiane Maria Ascari Morgado

Engenheira Agrônoma, mestre e doutora em Produção Vegetal pela Faculdade de Ciências Agrárias e Veterinárias da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (Unesp), com período de co-tutela na Université d'Avignon et des Pays de Vaucluse. Possui pós-doutorado pela Universidade Estadual de Goiás (UEG) e pela Universidade Federal de Goiás (UFG). Docente do curso de Agronomia da Universidade Estadual de Goiás (UEG). E-mail: cristianemorgado4@yahoo.com.br.

Danielle Gonçalves Teixeira dos Santos

Bióloga, mestre e doutoranda em Recursos Naturais do Cerrado pela Universidade Estadual de Goiás (UEG). E-mail: danielled31.bio@gmail.com.

Eliete Souza Santana

Médica Veterinária, mestre, doutora com período sanduíche pela Universidade de Murcia (Espanha) e pós-doutorado pela Universidade Federal de Goiás (UFG). Docente da Universidade Estadual de Goiás nos cursos de Farmácia, Química Industrial e Mestrado Acadêmico em Ciências Aplicadas a Produtos para Saúde. E-mail: eliete.santana@ueg.br.

Fernando Gomes Barbosa

Biólogo, mestre em Meio Ambiente e Sustentabilidade pela Universidade Evangélica de Goiás (UniEvangélica), doutor em Recursos Naturais do Cerrado pela Universidade Estadual de Goiás (UEG) e pós-doutorando no Programa de Pós-Graduação em Recursos Naturais do Cerrado pela Universidade Estadual de Goiás (UEG). Docente efetivo da Secretaria da Educação (SEDUC) do Estado de Goiás. E-mail: fernandogomes.bio@gmail.com.

Joelma Abadia Marciano de Paula

Farmacêutica, mestre e doutora em Biologia pela Universidade Federal de Goiás (UFG) com pós-doutorado em Inovação Farmacêutica pela Universidade Federal de Goiás (UFG). Docente da Universidade Estadual de Goiás no Curso de Farmácia e no Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Recursos Naturais do Cerrado. E-mail: joelma.paula@ueg.br.

Josana de Castro Peixoto

Licenciada, bacharel, mestre e doutora em Biologia, com estágio pós-doutoral pela Universidade Federal de Goiás (UFG) em parceria com o Programa en Biología y Ecología Aplicada na Universidade de La Serena, La Serena, Chile. Docente do quadro efetivo da Universidade Estadual de Goiás, campus sede central e do Programa de Pós-graduação em Territórios e Expressões Culturais do Cerrado. Docente na Universidade Evangélica de Goiás nos cursos de graduação em Ciências Biológicas e Medicina. Docente no Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Sociedade, Tecnologia e Meio Ambiente e no Programa de Pós-graduação em Ciências Farmacêuticas, Farmacologia e Terapêutica. E-mail: josana@ueg.br.

Leonardo Gomes Costa

Farmacêutico, mestre em Ciências Aplicadas a Produtos para Saúde e doutorando em Recursos Naturais do Cerrado pela Universidade Estadual de Goiás (UEG). E-mail: leonardo.costa@aluno.ueg.br.

Leonardo Luiz Borges

Farmacêutico, mestre em Ciências Farmacêuticas pela Universidade Federal de Goiás (UFG) e doutor em Ciências Farmacêuticas pela Universidade de Brasília (UnB). Docente na Universidade Estadual de Goiás (UEG) e na Escola de Ciências Médicas e da Vida da Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC Goiás). Docente no Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Recursos Naturais do Cerrado da Universidade Estadual de Goiás e coordenador no Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Ciências Ambientais e Saúde da PUC Goiás. E-mail: leonardo.borges@ueg.br.

Manoel Henrique Reis de Oliveira

Engenheiro Agrônomo, mestre em Irrigação e doutorando em Ciências Agrárias pelo IFGoiano, Docente do curso de Agronomia da Faculdade Evangélica de Goianésia. E-mail: manoel.oliveiragro@gmail.com.

Márcio Júnior Pereira

Biólogo e mestre pelo Programa *Stricto Sensu* em Territórios e Expressões Culturais no Cerrado da Universidade Estadual de Goiás (UEG). E-mail: marciopereira1898@gmail.com.

Marco Aurélio Batista

Biólogo, mestre e doutorando em Recursos Naturais do Cerrado pela Universidade Estadual de Goiás (UEG). E-mail: m_batista@outlook.com.br.

Monatha Nayara Guimarães Teófilo

Bióloga - Modalidade Médica (Biomedicina) pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC Goiás), mestre pelo Programa de Pós-Graduação Multicêntrico em Ciências Fisiológicas pela Universidade Federal de Goiás (UFG) e doutora pelo Programa de Pós-Graduação em Recursos Naturais do Cerrado da Universidade Estadual de Goiás (UEG). E-mail: monathateofilo@gmail.com.

SOBRE O LIVRO

Formato: 14,8x21cm

Tipologia: Source Sans

Número de Páginas: 68

Suporte: E-book

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS
Quadra área, Km 99 - 75.132-903 - Anápolis-GO
www.ueg.br / Fone: (62) 3328-4866

2026



Este livro trata de sementes e plantas. Mas “fala” também – por meio de vozes silenciadas no tempo – de saberes, de gente e de sonhos que descrevem a vida de seres que brotam e habitam entre os campos e as florestas do Cerrado. Mas, e se as sementes e plantas não brotassem mais? É esta a pergunta que esta obra responde: fadadas à extinção, as sementes nativas – cagaitas e gabiobas – carregam em si sementes de outras formas de pensar a natureza.

Por isso, é urgente protegê-las. Preservá-las é um ato de fé no futuro, pois em seu núcleo reside não apenas o potencial de uma planta, mas a memória da terra e a promessa do amanhã, um legado cultural que transcende gerações e se encontra ameaçado pelo esquecimento.

